REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 47
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



EXPERIÊNCIAS EDUCATIVO-ARTÍSTICAS NA DOCÊNCIA: O QUE É POSSÍVEL PENSAR E PRODUZIR COM E A PARTIR DELAS?

Angelica Vier Munhoz
Deborah Vier Fischer
Margarita Santi Kremer

Resumo: O presente texto deriva da aproximação do Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq) com a Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB), realizada por meio de observações de exposições, visitas mediadas, seminário e análise de materiais educativos. Trata-se de, por uma via, pensar nos encontros produzidos *com* e *a partir* das experiências educativo-artísticas e, por outra, de dar visibilidade às práticas realizadas pela instituição. Dos argumentos que delineiam o presente texto, toma-se a noção de encontro com os signos da arte, a partir de Gilles Deleuze (2003). Por fim, busca-se afirmar que o encontro com as experiências educativo-artísticas colabora para provocar desassossego no pensamento, possibilitando, quem sabe, uma docência mais inventiva.

Palavras-chaves: Experiências educativo-artísticas; Fundação Vera Chaves Barcellos; Docência**.**

EDUCATIONAL AND ARTISTIC EXPERIENCES IN TEACHING: WHAT CAN WE THINK AND PRODUCE FROM THEM?

Abstract: This paper has derived from the approximation between the Curriculum, Space, Movement Research Group (CEM/CNPq) and Vera Barcellos Foundation by means of observations of art shows, visits, seminar, and educational materials. On the one hand, this is an attempt to think about the encounters enabled *with* and *from* the educational and artistic experiences and, on the other hand, to give visibility to the practices carried out by the institution. From the arguments supporting this text, we have taken the notion of encounter with signs of art, as proposed by Gilles Deleuze (2003). Finally, it is possible to state that the encounter with the educational and artistic experiences has contributed to provoke reflections, perhaps enabling a kind of teaching that is more inventive.

Keywords: Educational and Artistic Experiences; Vera Chaves Barcellos Foundation; Teaching.

Introdução

O entorno para o texto que se inicia, surge a partir da aproximação do Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates) com a Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB), localizada em Viamão/RS. O Grupo CEM, criado em 2013, tem por objetivo compreender e problematizar o modo como os espaços escolares e não escolares vêm produzindo práticas educativas e artísticas em meio aos processos de ensinar e aprender. Para tal propósito, toma como campo de

investigação escolas e museus, junto aos quais busca acompanhar algumas de suas atividades educativas e artísticas, a fim de compreender os modos como produzem suas relações, resistências, funcionamentos e campos de experimentações.

Atrelada a essa perspectiva, em 2017, é estabelecida a parceria com a Fundação Vera Chaves Barcellos, iniciando-se, assim, um processo que envolveu, até o momento, observações de exposições, visitas mediadas, seminário, análise de materiais educativos da instituição, aproximações com a equipe do Programa Educativo.

O desafio deste texto, portanto, é, por uma via, pensar nos encontros produzidos *com* e *a partir* das experiências educativas e artísticas e, por outro, dar visibilidade às práticas educativas e artísticas realizadas pela Fundação Vera Chaves Barcellos.

Assim, tomando os argumentos que delineiam o presente texto, cabe destacar que o mesmo se articula com o pensamento pós-nietzscheano da diferença, tal como a noção de encontro com os signos artísticos, enunciada por Gilles Deleuze, na obra Proust e os signos (2003). Destarte, não se trata de realizar a defesa de uma determinada prática, mas apostar que tais recortes e conexões possam funcionar como lampejos para se pensar uma docência menos prescritiva e mais inventiva.

A Fundação Vera Chaves Barcellos: entre arte e educação

A Fundação Vera Chaves Barcellos, criada em 2005, na cidade de Viamão, Rio Grande do Sul, é “uma entidade cultural privada e sem fins lucrativos, que tem como missão a preservação, pesquisa e difusão da obra da artista Vera Chaves Barcellos, assim como o incentivo à criação artística e à investigação da arte contemporânea”. (Fundação Vera Chaves Barcellos, 2019). O Programa Educativo da referida Fundação visa proporcionar experiências intensivas através do contato com arte contemporânea. Em 2013, o Programa Educativo foi contemplado com o Prêmio Darcy Ribeiro 2012 e pode, assim, dar continuidade e aprimorar as suas atividades, inclusive aumentando a sua área de atuação a outros municípios do Rio

Grande do Sul. O Programa Educativo está estruturado em quatro pilares: edições semestrais do Curso de Formação Continuada em Artes; distribuição gratuita do Material Educativo – que pode ser utilizado de maneira multidisciplinar por todos os educadores, sendo disponibilizado diretamente a eles e distribuído a bibliotecas e outras instituições interessadas; visitas mediadas às duas exposições realizadas por ano na "Sala dos Pomares", atendendo demandas dos diversos públicos; Canal do Educador – boletim quinzenal abordando conteúdos referentes à exposição em cartaz, reunindo informações sobre as obras, indicações de leituras e de sites para pesquisas online, complementando, assim, a formação docente e ampliando as possibilidades de usufruto de atividades culturais por parte dos professores.

Com o propósito de conhecer e compreender os modos como a Fundação Vera Chaves Barcellos vem desenvolvendo suas práticas educativas e artísticas, o Grupo CEM - formado por pesquisadores, bolsistas de iniciação científica, bolsistas de Pós-Graduação e voluntários - buscou aproximar-se da Instituição, por meio de visitas, observações, seminários conjuntos, entre outros. Contudo, o reverso também ganhou potencialidade, pois atendeu a um dos objetivos da FVCB, que consiste em aprimorar as suas atividades de formação docente e ampliar a sua área de atuação no estado.

Desse modo, iniciaram os encontros entre Grupo CEM e FVCB. Contudo, tais encontros - com as exposições, obras e propostas educativas, relatados a seguir - não se configuram como presenças físicas, reuniões datadas - embora alguns também tenham ocorrido dessa forma - mas encontros com os signos da arte, como nos lembra Deleuze (2006), provocando ou buscando aproximações com a ideia de experiência estética.

Do primeiro encontro. Na Sala dos Pomares, no segundo semestre de 2017, ocorria a exposição Aã. Esta exposição constituía-se como uma proposta inovadora, em meio a qual a FVCB promoveu o embate de ideias em uma curadoria de artista com o duo Ío formado por Munir Klamt e Laura Cattani. A partir da afirmação dos curadores artistas, de que a exposição era um sistema aberto e com o entendimento de que a FVCB era um espaço-tempo complexo e misterioso, foram produzidos vários projetos de artistas convidados. As obras foram projetadas tanto para ocupar

o interior da sala como a área externa da FVCB, o Pomar e o seu entorno: a) Antônio Augusto Bueno, com a obra *Chão de pomelos*, instalação no pomar com 92 peças de cerâmica imitando os frutos cítricos em decomposição; b) Marina Camargo, com *Desvio,* um recorte de lâminas de aço inox em um formigueiro cupinzeiro deslocado; c) Elcio Rossini, com a *Composteira, ideias em ações sobre o espaço*; d) Guilherme Dable, com duas intervenções no terreno, a *Pintura (para Vera e Patricio)* - uma área demarcada e preenchida com folhas secas - e *Linha (para Laura e Munir)*; e) Rogério Livi, com *Melancolia* um conjunto de poliedros de alumínio e fio de cobre espalhados pelo jardim. A exposição também contou com encontros do curso de formação continuada em artes, para professores, os quais foram enriquecidos pela presença dos artistas e os desafios das suas propostas. As visitas exigiram um tempo de envolvimento e de experiências no ambiente, interagindo com os artistas e suas obras, resultando em um intenso fórum de relatos, tanto das experiências vividas, como das produções escolares realizadas sobre o impacto das dinâmicas e dos conteúdos das propostas educativas.



Figura 1: Antônio Augusto Bueno, Chão de pomelos, FVCB, 2017. Fotografia do artista http://antonioaugustobueno.blogspot.com/.

Do segundo encontro. A participação da artista Elaine Tedesco com os professores, apresentando a sua obra, especialmente construída para a exposição "Mira el mirador", ocorreu em 2017. A obra da artista oferece ao espectador duas possíveis camadas de interpretação: a obra em si, enquanto instalação artística na área externa da FVCB e a obra em interação com o espectador, como uma generosa reorganização do mirar e do contemplar. A observação amorosa como forma de conhecimento e de acesso ao mundo, uma sofisticação do olhar humano sobre si mesmo e sobre a paisagem circundante da Sala dos Pomares. No material educativo novamente foi incluída uma lâmina com a obra de Claudio Goulart "Flags", no intuito de ir introduzindo a obra deste artista no repertório dos professores e estudantes do nosso programa.

Do terceiro encontro. Em 2018 a equipe da FVCB iniciou as suas pesquisas sobre as apropriações no universo da cultura e da arte. O título da exposição surgiu também de uma apropriação textual: um ensaio da teórica e crítica de arte, Aracy Amaral, no qual ela compõe o texto utilizando montagens, cortes e pontuações de diversos gêneros textuais, desde prosaicas notícias de jornais, até escritos de autores consagrados da crítica e da literatura. O Programa Educativo tinha como objetivo possibilitar aos professores das diversas de áreas do conhecimento a compreensão de alguns conceitos que transitam no campo da arte contemporânea, tais como, a apropriação e a intertextualidade. No material educativo inclui-se uma das obras de videoarte do artista Claudio Goulart, abordando questões de hibridismo cultural.

Do quarto encontro. Ainda em 2018, em continuidade à exposição *A Condição Básica* e utilizando, igualmente, como ponto de partida o procedimento de apropriação artística, mas em uma nova perspectiva, é inaugurada a exposição coletiva *Apropriações, Variações e Neopalimpsestos*.

> Como os antigos pergaminhos que eram raspados pelos escribas para reutilizá-los, revitalizá-los e ressignificá-los, as obras apresentadas na exposição são o que poderíamos nomear *Neopalimpsestos*. Arte enquanto ressonância de contextos socioculturais, que mesmo separados pelo tempo, possuem ligações entre si, desvendadas pelo recorrente fazer dos artistas visuais. Nesse sentido, as apropriações, as variações e os neopalimpsestos

> re-raspados incessantemente durante a longa história da cultura, renovam a noção humana de solidariedade, imprescindível ao atual momento histórico do planeta. Uma continuidade transtemporal que tem assegurado a vitalidade da arte. (Machado, 2018:07)

Do quinto encontro. Em novembro de 2018, o Grupo CEM promove o *III Seminário Currículo, Espaço, Movimento: ensinar e aprender na contemporaneidade.* Situar-se "entre" e "com" a educação e a arte em meio aos processos de ensinar e aprender foram o propósito desse encontro. Desse modo, a integração com a FVCB na mesa de debates, configurou-se como uma nova atualização, possibilitando debates e problematizações em torno do tema.

Do sexto encontro*. 2019* iniciou com a exposição individual Claudio Goulart: quando o horizonte é tão vasto. Artista brasileiro radicado em Amsterdã, desde meados da década de 1970, local em que desenvolveu a maior parte de sua obra, Goulart transita pelas mais variadas técnicas e linguagens artísticas, como a colagem, a fotografia, o vídeo e a arte postal, utilizando processos complexos de apropriação, que passaram por imagens históricas, pela mídia de massa e pelo cinema. Além disso, há um evidente componente político e social que povoa a obra do artista com temas caros à sociedade ocidental do final do século XX: a incomunicabilidade humana, as guerras, a luta pelo poder, o desenraizamento geográfico e alienação política das massas. O Programa Educativo planejou ações para professores e também para estudantes, como o curso de formação continuada e o material educativo, que foi intitulado Quando a poética é tão vasta, em diálogo estreito com a exposição. Na visão do educativo, as obras selecionadas seriam passíveis de uma generosa analogia com a produção de Claudio Goulart, cuja poética poderia levar o público à suavidade da poesia em um mundo que insiste em escondê-la. Isso porque essa conjunção realidade/poesia convive na poética do artista, perpassando grande parte de sua obra. Ela estaria justificada em uma essência vital: a necessidade da arte para o ser humano, como uma chave de leitura de um mundo mergulhado em uma infindável disputa por poder e hegemonia. Claudio Goulart remonta em suas obras, esse (nosso) mundo, intercalando arte e poesia, nunca se eximindo de denunciá-lo em suas injustiças e brutalidades. Fenômenos que interessam sobremaneira ao professor, tendo em vista os

acontecimentos do presente século. No fórum de relatos dos professores, pode-se constatar que as sugestões de músicas, filmes, obras literárias e as atividades propostas, resultaram em ricas inspirações para os debates e produções em sala de aula. Quando a poética é tão vasta, os horizontes também se tornam, mesmo que enfrentemos contextos sociais e políticos que nos pareçam estreitos e obtusos.

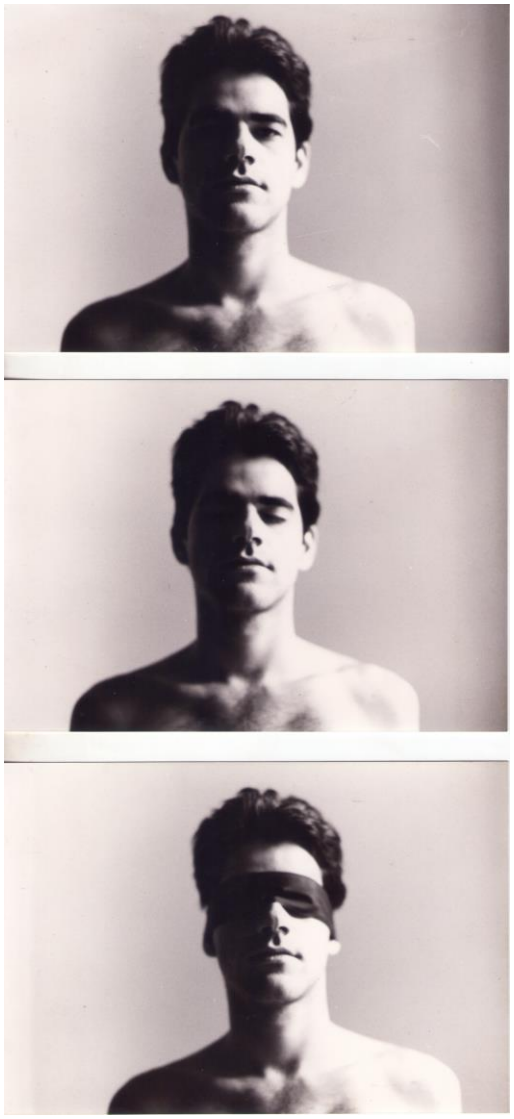

Figura 2: Claudio Goulart: quando o horizonte é tão vasto, 2019. http://fvcb.com.br/?p=1.0914.

Estar à espreita dos encontros

Como pensar e produzir *com* e *a partir* dos encontros com experiências educativa-artísticas? Como se efetuam esses encontros com a experiência estética? A respeito do encontro é Deleuze (2003:91) quem nos diz: "o que nos força a pensar é o signo", mas se "o signo é o objeto de um encontro, é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar" (Deleuze, 2003:91). No encontro com a experiência estética, move-se a força dos signos da arte, pois esses são os únicos signos que propiciam inúmeras possibilidades de criação de sentidos, em virtude da sua imaterialidade. Nessa direção, tais signos teriam o "privilégio de poder suspender momentaneamente o chumbo que corroeu a vitalidade [...], abrir o corpo e permitir que as inscrições revitalizem a existência, a inscrição do tempo [...] possibilitando sua constante deformação" (Borges, 2017:61).

O contato com signos artísticos vai além da representação, coloca o pensamento numa zona conflitante e por isso "nos roubam a paz" (Deleuze, 2003:24). É nesse sentido, que o encontro com a arte ou com os signos artísticos, pode proporcionar uma experiência estética, a qual "põe em movimento as maneiras através das quais vemos, tocamos e somos tocados pelas imagens, coisas e pessoas" (Farina, 2006:47). Portanto, podemos afirmar que a experiência estética ocorre pela via do encontro, ou dito de outro modo, ocorre quando um feixe de intensidades se desloca, provocado pelo encontro do campo de subjetivação com a obra. Essa experiência permite atingir os diversos mundos que nos constituem, as diferentes verdades que concernem a nossa própria vida, tal qual nos ensina Nietzsche (1998), no aforismo 299 de A gaia ciência, "O que se deve aprender com os artistas":

> Afastarmo-nos das coisas até que não vemos muitas delas ou o nosso olhar lhes tem de juntar muito para ainda as ver, ou espreitarmos as coisas para as ver como que em recorte, ou colocá-las de tal modo que se escondem parcialmente e só permitem ser vistas de relance, em perspectiva, ou

> contemplá-las através de vidro colorido ou à luz dos poentes, ou dar-lhes uma superfície e uma pele sem completa transparência: tudo isso temos que aprender com os artistas, e em tudo o resto ser mais sábios que eles. (Nietzsche, 1998:208).

Mas se os artistas poderiam nos ensinar um determinado modo de olhar ou de relacionar-se com a arte, certamente a experiência estética não é privilégio deles. Isso porque essa aprendizagem diz respeito às experiências sensíveis que levam a criação de outras formas de perceber e atuar no mundo. Assim, se por um longo tempo compreendemos a arte como algo estático, confinado em museus e a emolduramos como objetos separados da vida, o encontro com as formas artísticas é o que nos possibilita uma experiência estética por meio da qual as relações podem ser inventadas.

Contudo, não se trata de um encontro ordinário, cotidiano, banal, embora possa acontecer *com* e *a partir* de algo corriqueiro. Trata-se de um encontro com aquilo que força o pensamento a pensar, que desacomoda, incita a experiência. Um encontro no qual é fundamental deixarmo-nos estranhar pelos signos, praticar um desassossego do pensamento de modo a não o deixar capturar pelo domínio do já conhecido. Nessa perspectiva, a experiência estética torna-se a possibilidade de criação de um campo aberto para os movimentos do corpo e do pensamento, tomando-os como uma obra de arte, uma produção até então impensada. Tal processo requer, nessa perspectiva, uma atenção redobrada voltada aos acontecimentos, ao acaso, às brechas do não planejado ou do já pensado. É desse modo que estar à espreita dos encontros efetiva-se por “uma determinada maneira de estar junto (com as obras, com os saberes, com o outro), em que o movimento do sentido não é mais que a simples sugestão de um disparo, uma centelha capaz de acender o desejo criador”. (Munhoz, Costa, Guedes, 2016:05).

Com efeito, os encontros vividos com e a partir das obras, exposições e formações educativas da Fundação Vera Chaves Barcellos, aqui brevemente narrados, não são, de modo algum, pretensiosos, no sentido de uma aprendizagem formal, até mesmo porque “a arte não nos ensina nada, não nos impõe verdade alguma, a arte nos chama a aventurar-nos na selva das coisas e dos signos, exige de nós que rearticulemos o que vemos e o que pensamos sobre o que vemos; que

exerçamos o poder de associar e dissociar o que nos é próprio" (Pellejero, 2002:68). Do mesmo modo, não há a pretensão de afirmar que esses encontros transformariam a docência, mas de realizar uma aposta na força que emerge deles, como possibilidades de um pensar diferente, de um olhar a certa distância, de estranhar práticas tidas como certas ou verdadeiras. Encontros como esses, convidam à desacomodação do pensamento para, quem sabe, *com* e *a partir* desse convite, fazer nascer outros modos de pensar a docência, a aula, a escola.

Pensar a docência com a arte: experiências educativa-artísticas; espaços de ensinar e aprender

Para pulsar a ideia da força dos encontros que se dão com a arte e com a educação, na perspectiva das experiências modificadoras que deles emergem, desde que sejamos tocados por eles, torna-se relevante pensar de que lugar a arte é pensada, falada, nomeada. O que da arte e dos artistas interessa sobremaneira à escola, à docência, à educação, enfim. Há que se pensar em uma arte em minúsculas, uma arte menor, do ponto de vista muito mais do que ela provoca como potência, do que o lugar que ocupa na tradição artística, dos grandes nomes da História da Arte. No lugar disso, a aposta é de uma arte como postura e como atitude, uma arte que traga à reflexão a dinamicidade do mundo, sem limites definidos e em constante movimento e transformação. Pensando na relação com a docência e com a noção de aula, de acordo com Fischer (2018), não uma arte voltada somente ao exercício de técnicas e de repetições que produzem o mesmo, na relação com a ampliação de habilidades manuais, nem mais às incessantes tentativas de reprodução do que os artistas já fizeram, mas uma arte que se proponha ao exercício de experimentar e de experimentar(-se), pensando, no caso dos encontros aqui narrados, *com* e *a partir* do artista e de sua obra.

Nesse sentido, pensar a docência com a arte pode ser:

> Um convite a olhar para o espaço da sala de aula, para a escola, para os arredores, para as suas próprias coisas, para si e também para os outros, buscando pensar o quê, naquele momento, inspira as pessoas que ali estão, o que as faz pensar e o que as mobiliza a buscar um modo

> de tornar esse momento, essa observação, essa percepção, um estado de arte. (Fischer, 2018:01-02).

Talvez pudesse ser esse o caminho a ser trilhado pela docência, desacomodada diante das proposições vividas, experimentadas, compartilhadas nos encontros propostos. Os artistas contemporâneos têm tido um papel fundamental nessa mudança nos modos de olhar para a arte e de produzir com ela maneiras diversas de pensar a nossa relação cotidiana com a vida. Isso porque, de alguma forma, fortalecem a ideia de arte como algo que está fora dos moldes previstos pela tradição, uma arte, portanto, que nasce nos escombros. Esse modo de pensar a arte conversa com a ideia de experiência, que tem o desconhecido como potência de pensamento, que interroga os limites e que renuncia à busca por interpretações, de acordo com Amaral (2016). Um pensar na arte e *com* ela como um modo de ativar forças estranhas, em um embate contra a reprodução de modelos, em um exercício a favor de criação de novas imagens de pensamento (DELEUZE, 1992).

(Re)pensar a docência, nessa perspectiva, em companhia das provocações de artistas contemporâneos, colabora para “desafiar nossas noções preconcebidas de como funciona o mundo” (*tradução da autora*) (Jové, 2017:44), colocando em suspensão o que se julgava saber em termos de contextos e práticas escolares, abrindo-se possibilidades de olhar de outros modos para o que se passa cotidianamente e “dando espaço para a construção de estratégias de invenção, flexionando outras possibilidades de pensar também a nossa relação com a verdade” (Fischer, 2019:59) .

Essa é uma importante força da arte, que traz consigo a coragem de dar voz para aquilo que, muitas vezes, não é tido como conhecimento válido ou importante, diante das tantas importâncias atribuídas à educação, escola em especial. O pensar a docência com a arte, na perspectiva das experiências educativa-artísticas, pode ser entendido como um movimento que vai além da arte enquanto fazer propriamente dito, valorizando o chamado da obra e o que ela suscita pensar para além do que artista pudesse ter pensado, na relação com o modo como essa experiência é capaz de atravessar e de transformar a quem com ela mantiver contato. “Uma arte para fazer conexões que não estão pensadas, para romper com

comportamentos pré-condicionados. Arte como expressão de um mundo por fazer-se, por dizer-se", de acordo com Fischer (2019:69), que vai ao encontro muito mais daquilo que se esquiva, do que se mantém à espreita. Diante dessa convocatória da arte e, pensando especialmente do ponto de vista da docência, tantas vezes preparada para cumprir tarefas e atender a prazos pré-determinados. É sempre importante lembrar que "somos capazes de criar, que somos capazes de inventar novas formas de pensar que, necessariamente, não somos feitos apenas para aceitar regras, acomodar-se ao que está dado, conformar-se com o estabelecido" (Loponte, 2016:86).

Uma docência que se contamina pelas provocações da arte, contemporânea em especial, permitindo que a atitude artística se misture ao seu modo de pensar uma aula, de se relacionar com seu espaço de atuação, na escola, com seus alunos e colegas, e também fora dela, em espaços outros voltados à educação, mantém-se aberta para inventar, para pensar com e a partir de situações inusitadas, muitas vezes, até então impensadas, e que acontecem cotidianamente. O pensar com a arte, na relação com a educação, é exercício de ensinar e aprender, "é convite à elaboração de pensamento, à conversa, aos encontros. É possibilidade de invenção, é compartilhamento" (Fischer, 2019:105). É caminho aberto para a ampliação de exercícios de criação e de experimentação. É um sair(-se) do lugar de saber para um encontro com o não-saber, com o que possibilita modificar trajetórias, mesmo que elas já tenham sido pensadas de antemão. Por que não?

Pensar a docência em parceria ou com a força que a arte produz encontros. Encontros que mobilizam sensações, afectos, que fazem pensar sobre a vida, com a vida que pulsa incessantemente. A vida que se transforma em arte, pelo gesto, pela força do instante, pelo olhar. A vida que aposta em uma docência mais artista e mais inventiva.

Considerações finais

O propósito da aproximação do Grupo CEM com a Fundação Vera Chave Barcellos, assim como com outros espaços de arte que compõem o campo

empírico do referido Grupo de Pesquisa, é compreender de que modos tais espaços produzem práticas educativas e artísticas em meio aos processos de ensinar e aprender. Certamente não se trata de um relato de práticas e nem mesmo de tomá-las como referências para outras ações docentes. Ao aproximar-se desses espaços de arte, a intenção é que possamos apurar os sentidos em cada um desses encontros, para com eles aprender, deixando-nos arrebatar por aquilo que desacomoda o corpo e o pensamento.

Os encontros com a Fundação Vera Chaves Barcellos foram desta ordem. A partir das experiências educativas e artísticas produzidas pela FVCB, surgiram inusitadas inquietações, pois diversos signos passaram a estar envolvidos, oportunizando espaço para outras experimentações. As condições de emergência envolvidas nos encontros possibilitaram dar atenção ao que era possível pensar e produzir a partir dessas experiências, não apenas como aporte conceitual, mas como disparadoras de novas questões.

Por fim, acredita-se que tais experiências produzidas por meio dos encontros com a FVCB, nos ajudam a problematizar, pensar, criar e experimentar práticas educativas e artísticas, de modo a tornar a docência um potente exercício de invenção.

Referências:

AMARAL, Alberto. Entre imagem e escrita: o infinito e o estranhamento nas obras de Keyla Sobral. In: CHAVES, Sílvia Nogueira; BRITO, Maria dos Remédios de. (orgs.). *Formação, ciência e arte:* (Autobiografia, arte e ciência na docência). São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016, p. 283-303.

BORGES, Hélia. A língua do vivo: ressonâncias entre a arte e a clínica. In: COSTA, Luciano Bedin da; PACHECO, Eduardo Guedes*, Partituras do silêncio:* poéticas do movente. Porto Alegre: Sulina, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos.* 2 ed. Trad. Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles*. Conversações (1972-1990).* São Paulo: Ed. 34, 1992.

FARINA, Cynthia. Pedagogia das afecções: arte atual, corpo e sujeito. *Reflexão e Ação,* Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, p. 45-53, jan./jun. 2006.

FISCHER, Deborah Vier. *Escola, artistas e docentes em movimento:* encontros *entre* arte contemporânea e educação. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS, 2014. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/108011. Acesso em 5/08/2019.

FISCHER, Deborah Vier. Em defesa de um determinado modo de pensar os encontros entre arte e experiência. *ArteVersa*, julh. 2018. Disponível em: https://www.ufrgs.br/arteversa/?p=1518. Acesso em 25/08/2019.

FISCHER, Deborah Vier. Pensar com cenas de escola: a arte, o estranho, o mínimo. Porto Alegre, RS, UFRGS, 2019. *Tese* (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, 2019. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/197436. Acesso em 23/08/2019.

Fundação Vera Chaves Barcellos. Disponível em: www.fvcb.com. Acesso em: 25/08/2019.

JOVÉ MONCLÚS, Glòria. *Maestras contemporâneas*. Lleida, Espanha: Edicions de la Universitat de Lleida, 2017.

LOPONTE. Luciana Gruppelli. Artes visuais como plataforma para pensar e viver: outros espaços para a docência. In: CHAVES, Sílvia Nogueira; BRITO, Maria dos Remédios de. (orgs.). *Formação, ciência e arte:* (Autobiografia, arte e ciência na docência). São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016, p. 71-88.

MACHADO, Flores Yuri. *Apropriações, variações e neopalimpsestos*. Viamão: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2018.

MUNHOZ, Angélica V.; COSTA, Cristiano Bedin da; GUEDES, Betina. Notas sobre uma residência pedagógica no Museu de Arte do Rio. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, set./dez.2016, v. 3, n. 3, pp 367-381

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. Maria Helena Rodrigues de Carvalho et al. Lisboa: Relógio d'água, 1998.

PELLEJERO, Eduardo. Modos de fazer / Modos de ver / Modos de pensar (Arte sem superstições). In: DIAS, Susana Oliveira; ANDRADE, Elenise Cristina Pires de; AMORIN, Antonio Carlos Rodrigues de (Orgs.). *MultiTão: experimentações, limites, disjunções, artes e ciências*... Feira de Santana: UEFS Editora, 2002. p. 57-70.